

O Individualismo Pós-Moderno a partir de Gilles Lipovetsky e suas implicações para a experiência religiosa contemporânea

Post-Modern Individualism from Gilles Lipovetsky and Its Implications for Contemporary Religious Experience

Oséias Silva dos Santos¹

Resumo: Gilles Lipovetsky é um filósofo francês, ainda vivo, que faz uma interpretação do individualismo moderno a partir da ideia de uma atualização na modernidade ocorrida entre os anos 1950 e 1970 (de modernidade para hipermodernidade) e, desse modo, a partir da ideia de uma atualização do individualismo, consequente de uma segunda revolução individualista, distinta da primeira. E nessa investigação ele reconhece mudanças no processo de individualização e na figura do indivíduo moderno, que se dão através do processo de personalização, gerando Narciso, o indivíduo hipermoderno. Dentro desse universo a experiência religiosa vai sendo formatada e formatada a partir da cultura pós-moderna, portanto o individualismo pós-moderno provoca mudanças e rupturas significativas no modo de ser religioso.

Palavras-chave: individualismo, pós-modernidade, personalização, espiritualidade contemporânea.

Abstract: Gilles Lipovetsky is a French philosopher, still alive, who makes an interpretation of modern individualism from the idea of an update in the modernity between 1950 and 1970 (from modernity to hypermodernity) and, therefore, from the idea of an actualization of individualism, resulting from a second individualistic revolution distinct from the first. And in this investigation he recognizes changes in the process of individualization and in the figure of the modern individual, which occur through the process of

Artigo recebido em: 13 de maio 2020

Aprovado em: 20 de julh. 2020

¹ Bacharel em Teologia, licenciado em Filosofia, pós-graduado em Docência Superior, mestrando em Ciências das Religiões.

personalization, generating Narcissus, the hypermodern individual. Within this universe the religious experience is being formatted and formatted from postmodern culture, so postmodern individualism causes significant changes and ruptures in the way of being religious.

Keywords: individualism, postmodernity, personalization, contemporary spiritua

Introdução

Novos tempos, novas expectativas, novos desafios e novos valores? Esses são questionamentos que poderiam ser classificados como de senso comum, pois o “novo” sempre é desafiador, gera insegurança e provoca medo e ao chegar a certa idade, torna-se difícil romper com certos paradigmas que fizeram parte de nossa formação epistemológica. Quando nos deparamos com a complexidade do indivíduo contemporâneo, temos a sensação de que estamos perdidos, sem rumo e, nestas condições, qualquer vento é favorável.

Estamos no ápice da era do processo da personalização,²ou seja, a transição do individualismo “limitado” para o “total”. Segundo Lipovetsky, “rotula-se este processo de personalização, tratando-o como uma mutação sociológica global em curso”,³ que tem como prioridades máximas, designar uma linha diretriz, estabelecer um novo modo de vida, modelando fortemente a história, as instituições, as aspirações e, finalmente, as personalidades. Segundo LUCENA, P. F.C:

O desenvolvimento das sociedades democráticas avançadas, na pós-modernidade, se estabelece a partir de um processo de personalização, cujo valor preponderante resplandece perante, dentre outras ideias, na fixação pela de realização pessoa.⁴

² Processo de personalização é um termo utilizado por Lipovetsky, que procede de uma perspectiva comparativa e histórica, determina a linha diretriz, o senso do novo, o tipo de organização e de controle social que nos liberta da ordem disciplinar-revolucionária-convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950. O processo de personalização, basicamente, consiste na passagem do individualismo limitado para o ilimitado.

³ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005, p. XVI.

⁴ LUCENA.P.F.C. Processo de personalização ambivalente: ensaio sobre o ser pós-moderno em Lipovetsky, mediante a ambivalência em Bauman. *Revista Saber Acadêmico*, São Paulo, n. 24, 2017. p. 96.

De acordo com Lipovetsky, o processo de personalização provoca fratura social exposta por meio da sua socialização disciplinar estritamente flexível,⁵ ou seja, o novo modo de gerir os comportamentos já não acontece através da tirania dos pormenores, mas com o mínimo possível de coação e o máximo possível de opções, com o mínimo de austeridade e o máximo de desejo, como o mínimo de constrangimento e o máximo de compreensão.

Partindo desses pressupostos, já podemos, de forma bem simplificada, definir a fórmula do processo de personalização da seguinte maneira: a lógica individualista consiste no direito à liberdade, em teoria ilimitada, viver livremente sem coação, ou melhor, escolher sem restrições o seu modo de existência. Com bem diz Brito, “para Lipovetsky, a lógica que rege a dinâmica social vem passando por alterações vultosas, ganhando destaque o hedonismo a permissividade e a psicologização”.⁶

O pensamento lipovetskyano nos faz perceber que, a lógica da vida política, produtiva, moral, escolar, protecionista consistia em imergir o indivíduo em regras uniformes, eliminando o máximo possível as formas de preferências e expressões singulares. Entretanto, o ideal moderno de subordinação do indivíduo a regras nacionais coletivas foi pulverizado, o processo de personalização promoveu e encarnou maciçamente um valor fundamental: o indivíduo é absolutamente livre e jamais deve se permitir ser refém das novas formas de controle e de homogeneização realizadas simultaneamente.

Estamos, portanto, numa época em que não se crê mais na existência de um único e categórico sentido, mas sim na construção permanente de sentidos múltiplos, provisórios, individuais e grupais. Somos desafiados e convidados a sermos artistas e artífices de nossa própria existência. Em contrapartida, isso traz o aumento da responsabilidade individual, pois cada ser humano assume a função de ser o coautor do estatuto moral ao qual adere. Silva sintetiza este novo tempo ao dizer:

Não queremos a ilusão do futuro nem a coerção do passado. Postulamos a intensidade do aqui e do agora como necessidades vitais. Não aceitamos viver de promessas nem de patrimônio acumulado. Exigimos fazer por nós mesmos o que somos e o

⁵ LIPOVETSKY, 2005, p. 16

⁶ BRITO, Wallace da Costa. Os conceitos da pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. *Perspectiva em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.19, n. 2, p. 155-182, jul/dez, 2015, p. 159.

que seremos, sem garantias de redenção nem obrigações inquestionáveis.⁷

Partindo desse pressuposto, surge o novo narciso, o novo ser humano hipermoderno. O indivíduo contemporâneo não é destituído de personalidade, mas possui novo tipo de personalidade, nova consciência, a qual é feita de indeterminação e de flutuação. Nos tempos atuais, Narciso espelha a condição humana nesta mutação antropológica, que se realiza diante de nossos olhos. Lipovestky afirma, “na escala da história, é um segunda revolução individualista que está em marcha, instituindo deste vez um individualismo acabado, extremo: um hiperindividualismo”.⁸

Vivemos para nós mesmos, sem nos preocupar com as nossas tradições e com a nossa posteridade. Como resultado, ocorre o hiperinvestimento na esfera privada, o “eu” tornou-se a preocupação central de atenção e de interpretação. Esse fator é um elemento constitutivo da personalidade do indivíduo hipermoderno, tornando-lhe possível viver sem ideais e sem finalidades transcendentais. Segundo BRITO:

O pensador entende a pós-modernidade como momento do segundo ciclo individualista; era do narcisismo, consequência do processo personalista. Narcisismo que remete a uma postura afável diante das dinâmicas políticas e ideológicas, num passo a passo com a questão subjetiva alçada ao extremo. Nisto, então, observa o desinvestimento da esfera pública e a despreocupação com os princípios transcendentais aliado ao aumento da importância atribuída à dimensão privada.⁹

A cultura pós-moderna é um vetor de alargamento do individualismo, diversificando as possibilidades de escolhas, liquefazendo os marcos de referência, minando os sentidos únicos, misturando os pontos contraditórios, harmonizando os paradoxos, modelando uma cultura personalizada, permitindo ao átomo social emancipar-se das balizas disciplinares.

⁷ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. In: Apresentação, SILVA, Juremir Machado. São Paulo: Manole, 2005, p. XIII.

⁸ LIPOVETSKY, GILLES; SERROY, Jean. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 48.

⁹ BRITO, 2015, p. 159

1 O individualismo pós-moderno e suas implicações sociais e religiosas

Depois de Rousseau, ocorre a Revolução Francesa.¹⁰ No verão de 1789, o indivíduo faz a sua entrada triunfante na história do homem moderno por meio da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão¹¹. A consagração da ideia individualista moderna marca o triunfo do indivíduo, por isso, Formiga, valendo-se do pensamento de Louis Dumont, afirma que,

“de outro lado, a ideologia individualista que valoriza o indivíduo em detrimento do todo. São várias as definições apresentadas por Dumont para caracterizar o indivíduo: “ser independente e autônomo”, “ser essencialmente não social”, “um ser que negligencia ou subordina a totalidade social”.¹²

Segundo Leite, a Revolução Francesa fez com que ocorresse a passagem do individualismo para a categoria de ideologia moderna.¹³ O indivíduo é o seu ser supremo e está acima de tudo e de todos. O individualismo, que emergiu da Revolução de 1789, é absolutamente livre, a ponto de se tornar uma prática de totalitarismo, em nome do desenvolvimento da liberdade do espírito humano. Segundo Veira e Stengel, “a pós-modernidade também pode ser entendida como a era da cultura do narcisismo, que se define por uma sociedade formada por indivíduos extremamente preocupados consigo próprios”.¹⁴

¹⁰ Segundo Petta (1999), em 1789, aconteceu uma mobilização em larga escala das classes populares, que englobaram os trabalhadores urbanos, os desempregados e pobres em geral e os camponeses. Uma revolução de toda sociedade; o seu desfecho foi burguês, mas o movimento foi popular.

¹¹ Com base em Petta (1999), sobre a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, trata-se de um documento que tinha por objetivo estabelecer os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade. Princípios que derrubaram antigos ideais da tradição da hierarquia de monarcas, aristocratas e da igreja católica.

¹² FORMIGA, Ronaldo da Costa. A cultura do indivíduo: Uma visão da modernidade. *Democratizar*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, ago/dez, 2015, p. 66.

¹³ LEITE, Normando Martins. *O individualismo na pós-modernidade*. Curitiba, 2012, p. 26.

¹⁴ VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Individualismo, liberdade e insegurança da pós-modernidade. *Ecos*, Cuiabá, v. 2, n. 2, Cuiabá, 2012, p. 352.

Vale dizer que, o estilo de vida moderno não é desdobramento, apenas, do espírito revolucionário de artistas românticos, mas de transformações do capitalismo há sessenta anos. Com isso, os efeitos conjugados do modernismo e do consumismo de massa corroboram para a fomentação de uma cultura centrada na realização do “eu”, na espontaneidade e no desfrute, gerando, com vitalidade, o hedonismo que se torna o “princípio axial” da cultura moderna, ou seja, o eixo central que liga os fragmentos de uma sociedade moderna.

Deixa-se claro, que as rupturas provocadas pela fase histórica do modernismo não são as primeiras e incomparáveis, na realidade, nada mais são que o resultado de um processo secular que favorece o surgimento de sociedades democráticas, que advogam a soberania do indivíduo e do povo. A cultura moderna é anti-burguesa, mas também é revolucionária, quer dizer, de essência democrática. O espírito subversivo dos artistas, que propuseram a crítica ácida ao espírito burguês, tem extrema ligação com o desejo da revolução democrática de emancipar o indivíduo. Observa-se, com isso, que no modernismo, sendo a individualização seu foco principal, como resultado, surge um império individualista estabelecido a partir das soberanias das vontades humanas. Lipovetsky analisando a fase modernista, afirma que:

[...] como já foi sugerido, é a revolução individualista, pela qual, pela primeira vez na história, o ser individual, que é igual a qualquer outro, é percebido e percebe a si mesmo como fim último, concebe-se isoladamente e conquista o direito da livre disposição de si mesmo, que constitui o fermento do modernismo.¹⁵

O indivíduo se tornou quase um ser absoluto, totalitário e “sagrado”. Conforms pensamento de Dumont, “escrevi recentemente que o totalitarismo é uma doença da sociedade moderna que resulta da tentativa, numa sociedade onde o individualismo está profundamente enraizado e predominantemente, de o subordinar ao primado da sociedade como totalidade” [...].¹⁶

Dessa forma, não há nada acima das suas exigências, os seus direitos são limitados apenas pelos direitos idênticos dos outros indivíduos. Os modernos inventaram uma liberdade sem limites. Qualquer ideia de um mundo real, que impuser leis, será

¹⁵ LIPOVETSKY, 2005, p. 72.

¹⁶ DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 151.

iminentemente destruída pelo projeto de um ser humano eminentemente livre. Não há lei, não há regras, não há ditames que subsistam ao império de um ser autônomo. Lipovetsky considera que esse pensamento é extremamente influenciado pelas ideias de Michel Foucault, que foi, sem dúvida, o pensador que mais insistiu neste aspecto de corrompimento da modernidade. Foucault asseverava que a disciplina serve apenas para dominar o sujeito, consiste mais em controlar os homens do que em libertá-los. Quando se propõe a analisar o homem pós-moderno de Foucault:

O ponto de partida do saber moderno, o Homem é concebido como sujeito ativo, autor de seu próprio ser, seja destinado à revolução, à liberdade ou à conquista da natureza. É no interior de um projeto em que seu ser deve se realizar que o Homem se revela como sujeito, construindo-se a si próprio [...].¹⁷

Ao observar isso, é que Lipovetsky afirma em “A Era do Vazio”, que havíamos entrado numa sociedade pós-disciplinar a qual ele denominava pós-modernidade. Conforme Lessing, “no limiar da era moderna fomos emancipados da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna. Com essas crenças fora do caminho, nós humanos, nos encontramos por nossa própria conta”.¹⁸ O individualismo é o valor cardinal das sociedades modernas. Portanto, a ideologia moderna é individualista na medida em que valora o indivíduo concebido como sujeito moral, independente e autônomo e ignora a totalidade social.

É provável que a forma pela qual a sociedade atual concebe o individualismo nunca havia ocorrido em nenhum outro momento da história. Como estamos numa fase histórica em que o termo “abertura” é a síntese do pensamento vigente, então, abrir-se para um individualismo exacerbado é algo natural/normal do processo. A cultura modernista, auspiciada pelo processo de personalização, corroborou para a transição de um individualismo limitado para um individualismo ilimitado. Nada mais pode cercear os limites do individualismo, nada pode detê-lo nem impedi-lo de estabelecer seu reinado e a tirania de sua subjetividade. Assim, Lipovetsky como grande pesquisador do assunto, considera que

¹⁷ JUNIOR, Alcides de Souza Coelho; MENDES, Luiz Roberto Souza. *Revista Humus*, São Luiz, v. 5, n. 14, 2005, p. 96.

¹⁸ LESSING, apud BAUMAN. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 40.

neste sentido o pós-modernismo aparece como a democratização do hedonismo, a consagração generalizada do novo, o triunfo do “antimoral e do anti-institucionalismo e o fim do valor do divórcio entre os valores da esfera artística e os do cotidiano”.¹⁹

É na pós-modernidade ou a segunda fase da modernidade é a época em que o individualismo se manifesta com mais intensidade. O pós-modernismo leva a cultura modernista aos seus extremos e, de fato, podemos considerar que é uma modernidade sempre se modernizando. A pós-modernidade leva à modernidade ao seu clímax, potencializando e amplificando todos os valores e máximas que outrora a modernidade já havia proposto e massificado. Portanto, quanto Lipovestky fala sobre hipermodernidade, sua proposta, derruba toda e qualquer possibilidade se entender a pós-modernidade como uma superação da modernidade, mas sim, uma sim uma consolidação máxima da fase anterior. Sobre isso, não há muito que distinga as nossas condições das condições de nossos avós.

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX, o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou mesmo há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano.²⁰

O epicentro do modernismo e do pós-modernismo é o consumismo. Para caracterizar os indivíduos modernos, não há ponto de referência mais crucial que o consumismo. A revolução do consumismo só chegou ao seu auge, após a Segunda Guerra Mundial e tem, ao que parece, um alcance ainda mais profundo que o hedonismo. O consumismo provocou e ainda provoca mudanças abruptas no estilo de vida dos indivíduos. Somos uma sociedade de consumidores, nossa principal vocação a partir de agora é consumir. Ricos e pobres estão destinados a viver segundo os ditames do consumismo. Bauman afirma que “nessa sociedade de consumidores,

¹⁹ LIPOVETSKY, 2005, p. 83.

²⁰ BAUMAN, 2001, p. 40.

todo mundo precisa ser, dever ser e tem que ser um consumidor”.²¹ Bauman inspirado em John Carrol, ainda destaca que,

a índole desta sociedade proclama: caso esteja se sentindo mal, coma [...]. O reflexo consumista melancólico, supondo que o mal-estar adquire a forma de se sentir vazio, frio, deprimido com necessidade de se encher de coisas quentes, ricas, vitais. O consumismo é assim o análogo social da psicopatologia da depressão, com seus sintomas gêmeos em choque: o nervosismo e a insônia.²²

O consumismo absorve o indivíduo na corrida pelo nível de vida, legitima a sua busca pela realização de si mesmo, sufoca-o com imagens, com informações e com cultura. Nesse sentido, formaram-se sociedades do bem-estar, as quais possuem perdas radicais de socialização, como nunca visto antes. Lipovetsky salienta que é a revolução do cotidiano que toma vulto, depois das revoluções econômicas e políticas dos séculos XVIII e XIX, depois da revolução artística da virada do século XIX para o XX.

Há um paradoxo a ser notado: a era do consumismo se inscreve no vasto dispositivo moderno da emancipação do indivíduo por um lado e na regulação total e microscópica do social do outro. A última resistência foi derrubada, o indivíduo, mesmo emancipado, agora é dominado por uma lógica sedutora do consumismo. Segundo Lipovetsky, “a era do consumismo tende a reduzir as diferenças instituídas desde sempre entre sexos e gerações em benefício de uma hiperdiferenciação dos comportamentos individuais hoje em dia livres dos papéis e convenções rígidas”.²³ O individualismo pós-moderno permite a abertura para todos os modos de vida, bem como para a conquista da identidade pessoal, para o direito de ser absolutamente si mesmo, ou seja, é o apetite de personalidade até seu termo narcísico.

A lógica do individualismo consumista provoca efeitos altamente significativos no que tange os vários aspectos da existência

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação de pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 73.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 90-91.

²³ LIPOVETSKY, 2005, p. 86.

humana. Observa-se, assim, que o advento do consumismo solapou a ética da reponsabilidade com o próximo e, com isso, os conceitos que residiam no universo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo outro migraram para a auto realização e do cálculo de riscos.

Nesse processo, “o Outro” como desencadeador, alvo e critério de uma responsabilidade reconhecida, assumida, e concretizada, praticamente desapareceu de vista, afastado ou sobrepujado pelo eu do próprio ator. “Responsabilidade” agora significa, no todo, responsabilidade em relação a si próprio (você deve isso a si mesmo”, “você merece”, são no geral, os gestos que atendem aos interesses e satisfazem os desejos do eu.²⁴

O individualismo movido pelo consumismo contemporâneo tem atingido também a experiência dimensão religiosa, produzindo uma espiritualidade de acordo com a lógica da sociedade consumista. Percebe-se, nos dias hodiernos, um possível “retorno ao sagrado”. Muitas pessoas têm procurado as sabedorias e as religiões orientais nos tempos pós-modernos. Será que isso aponta para uma crise da era pós-modernista? Será que se trata de uma crise do modernismo em dúvida sobre si mesmo, incapaz de resolver os problemas fundamentais da existência? Para não cometermos equívocos, vamos tentar colocar em seu devido lugar o suposto entusiasmo pelas múltiplas formas do sagrado.

Para o bem da verdade, o processo de personalização não cessa de provocar uma deserção sem precedentes da esfera do divino, o individualismo não cessa de solapar os fundamentos da religião. Lipovetsky afirma:

O mais interessante é que a própria religião se deixou levar pelo processo de personalização: a gente acredita, mas de certa maneira, acreditando em tal dogma e eliminando outro, misturando o Evangelho com Corão, o zen ou o budismo; a espiritualidade se colocou na era caleidoscópica do supermercado e do sirva-se-você-mesmo.²⁵

²⁴ BAUMAN, 2008, p. 119.

²⁵ LILPOVETSKY, 2005, p. 95.

O renascer espiritual não vem de uma ausência trágica de sentido. Não é uma resistência ao domínio tecnocrático. Ele é constituído pelo individualismo pós-moderno, do qual reproduz a lógica flutuante. A atração pelo religioso é inseparável da dessubstancialização narcísica, do indivíduo flexível em busca de si mesmo. Longe de ser antinômico em relação à lógica maior do nosso tempo, o ressurgimento das espiritualidades de todo tipo não faz mais do que cumprir sua parte, aumentando o leque de escolhas e possibilidades da vida privada, permitindo a existência de um coquetel individualista do sentido conforme ao processo de personalização.

Em face da decepção provocada pela sociedade hipermoderna, os seres humanos estão frustrados com o fato de que a religião não é capaz de impedir a manifestação de todas as penas e amarguras a que estão sujeitos. Em face da decepção, os indivíduos já não dispõem dos hábitos da vida de piedade ou das convicções “prontas e acabadas”, que costumavam atenuar suas dores e mágoas. Sobre isso, Lipovetsky considera que

Para enfrentar as contrariedades da vida, as sociedades de matiz tradicional tinham à sua disposição instrumentos diversos de consolação religiosa; já as sociedades hipermodernas, numa espécie de contrafluxo, valorizam o incitamento contínuo ao consumo, à fruição, à mudança. Desse modo, as “técnicas” reguladas de forma comunitária pelo mundo da religião deram lugar a “fórmulas paliativas”, diversificadas e desreguladas, do universo individualista da livre-opção.²⁶

Ainda sobre o consumismo, Lipovetsky se refere à ideia de Arlie Russell Hochschild, quando esse autor resume o principal “dano colateral” perpetrado no curso da invasão consumista numa expressão tão penetrante quanto sucinta: a “materialização do amor”.

O consumismo atua para manter a reversão emocional do trabalho e da família. Expostos a um bombardeio contínuo de anúncios graças a uma média diária de três horas de televisão (metade de todo o seu tempo de lazer), os trabalhadores são persuadidos a “precisar” de mais coisas. Para

²⁶ LIPOVETSKY, GILLES. *A sociedade da decepção*: entrevista coordenada por Bertrand Richard. Barueri, SP: Manole, 2007, p. 7.

comprar aquilo de que agora necessitam, precisam de dinheiro. Para ganhar dinheiro, aumentam a jornada de trabalho. Estando fora de casa por tantas horas, compensam sua ausência do lar com presentes que custam dinheiro. Materializam o amor. E assim continua o ciclo²⁷

O pós-modernismo é o registro e a manifestação do processo de personalização que, incompatível com todas as formas de exclusão e de dirigismo, substituiu a autoridade das obrigações pré-traçadas pela livre escolha, a rigidez da “linha certa” pelo coquetel fantasioso. A partir desse pressuposto, cunha-se a palavra de ordem pós-moderna e narcísica: “é preciso ser absolutamente você mesmo”, uma frase de expressão livre e aberta para todos. Isso é coerente com o que Lipovetsky afirma quando diz:

A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio.²⁸

Vivencia-se a era da decepção, a qual se caracteriza por ser momento hostil a toda e qualquer possibilidade de convivência social. A pós-modernidade se tornou uma geografia inóspita, sobretudo, para a convivência com o “outro”. Em nome dos interesses privados, tudo àquilo que conecta o homem pós-moderno ao outro está perdendo força, porque o olhar para o outro é substituído pelo olhar para dentro, o ser social está mais voltado para as questões emocionais e psicológicas. Bauman define:

Se a modernidade original era pesada no alto, a modernidade de hoje é leve no alto, tendo se livrado de seus deveres “emancipatórios”, exceto o dever de ceder a questão da emancipação às camadas média e inferior, às quais foi relegada a maior parte do peso a modernização contínua. “Não há mais salvação pela sociedade”, proclamou o apóstolo do novo espírito da empresa, Peter

²⁷ HOCHSHILD *apud* BAUMAN, 2008, p. 153.

²⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p. 23.

Drucker. “Não existe essa coisa de sociedade”, declarou Margaret Thatcher, mais ostensivamente. Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida, sua astúcia, vontade e poder.²⁹

Mais agravante ainda, é que o hedonismo consumista deu origem a uma suposta crise espiritual, essa que pode provocar o abalo das instituições liberais. O império do prazer tem por efeito inevitável, a perda dos *civitas*, o egocentrismo e a indiferença pelo bem comum, a ausência de confiança no futuro, o declínio da legitimidade das instituições. Valorizando a realização de si mesmo, a era do consumismo solapa o civismo, mina o coração e a vontade. Estamos vivendo uma crise gerada pelo individualismo que é produzido pela sociedade de consumo. Assim, Lipovetsky considera que

neste sentido o pós-modernismo aparece como a democratização do hedonismo, a consagração generalizada do novo, o triunfo do “antimoral e do anti-institucionalismo e o fim do valor do divórcio entre os valores da esfera artística e os do cotidiano”.³⁰

A lógica do individualismo consumista provoca efeitos altamente desumanos no que tange os vários aspectos da existência humana. Observa-se, assim, que o advento do consumismo solapou a ética da reponsabilidade com o próximo e, com isso, os conceitos que residiam no universo semântico do dever ético e da preocupação moral pelo outro migraram para a autor realização e do cálculo de riscos.

Nesse processo, “o Outro” como desencadeador, alvo e critério de uma responsabilidade reconhecida, assumida, e concretizada, praticamente desapareceu de vista, afastado ou sobrepujado pelo eu do próprio ator. “Responsabilidade” agora significa, no todo, responsabilidade em relação a si próprio (você deve isso a si mesmo”, “você merece”, ... são no

²⁹ BAUMAN, 2001, p. 42.

³⁰ LIPOVETSKY, 2005, p. 83.

geral, os gestos que atendem aos interesses e satisfazem os desejos do eu.³¹

A partir desse pressuposto, cunha-se a palavra de ordem pós-moderna e narcísica: “é preciso ser absolutamente você mesmo”.³² A pós modernidade é o lugar da manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. Vivencia-se a era da decepção, a qual se caracteriza por ser momento hostil a toda e qualquer possibilidade de convivência social. A pós-modernidade se tornou uma geografia inóspita, sobretudo, para a convivência com o “outro”.

Se a modernidade original era pesada no alto, a modernidade de hoje é leve no alto, tendo se livrado de seus deveres “emancipatórios”, exceto o dever de ceder a questão da emancipação às camadas média e inferior, às quais foi relegada a maior parte do peso a modernização contínua. “Não há mais salvação pela sociedade”, proclamou o apóstolo do novo espírito da empresa, Peter Drucker. “Não existe essa coisa de sociedade”, declarou Margaret Thatcher, mais ostensivamente. Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de você mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida, sua astúcia, vontade e poder.³³

Valorizando a realização de si mesmo, a era do consumismo solapa o civismo, mina o coração e a vontade. Estamos vivendo uma crise gerada pelo individualismo que é produzido pela sociedade de consumo. Estas considerações nos levam a aprofundar a nossa e reflexão sobre as implicações do individualismo contemporâneo.

2 Indiferença pura, o discurso ideológico do individualismo pós-moderno

Sendo a ideologia a “ciência das ideias”,³⁴ o mundo pós-moderno tem a sua própria ideologia. Todos estão sendo atingidos

³¹ BAUMAN, 2008, p. 119.

³² LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p. 23.

³³ BAUMAN, 2001, p. 42.

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000, p. 114.

por um inédito deserto e ninguém consegue mais escapar. A bem da verdade, o pensamento de Lipovetsky vai sinalizar que há uma bolha que engloba todos os indivíduos. Bolha essa, eminentemente, de teor cultural; um modo de vida que de forma preponderante visa definir a nossa maneira de lidar com os problemas da vida. Sobre isso, a prova cabal é que “o saber, o poder, o trabalho, a família, a igreja, os partidos já pararam de funcionar como princípios absolutos e intangíveis, ninguém acredita mais neles, ninguém mais investe neles o que quer que seja”.³⁵

Por causa dessa apatia devastadora e da onda de desafeição, não há mais possibilidade de mobilização emocional e social. O que se nota, é que por mais que as instituições se reproduzam ou se desenvolvam, porém, tudo acontece no vazio, sem aderência ou sentido. Por mais que se deseja injetar sentido e valor ao que o homem moderno faz, mais o contexto é marcado por um deserto apático. A nova era não dá a mínima importância para o sentido ou falta de sentido para a história da humanidade. O momento atual é marcado não pela angústia metafísica, mas pela indiferença pura. Superando em larga escala todos os tipos de niilismo, o fator gritante, é que a ausência de sentido (s) para a vida, a dessubstancialização sentimental e a falência intensa dos valores e dos ideais, não desencadearam, como previsto, mais tristeza, desilusão ou atmosfera carregada de pessimismo.

Ao contrário, essa visão apocalítica, estritamente religiosa, é sucumbida por uma leitura de mundo que não abarca, em nenhuma hipótese, sinais de desespero e absurdo. Segundo Lipovetsky, “o niilismo europeu, analisado por Nietzsche como depreciação mórbida de todos os valores superiores e como deserto dos sentidos, não corresponde mais àquela desmobilização de massa e não é acompanhado por desespero e sensação de absurdo”.³⁶

Para o ser individualista não há necessidade de ausência do sentido para a sua vida, pois o mecanismo da indiferença pura permite que se conceba a ideia de que é extremamente possível caminhar tranquilamente com as polaridades e as antinomias duras. O abismo que existia entre o belo e o feio, o real e o ilusório, o sentido e o não-sentido foi, radicalmente, superado. Em seu lugar, construiu-se uma ponte revestida pela ideologia da indiferença pura, abrindo o caminho para um momento absolutamente inédito, que se constituiu a partir da máxima pós-moderna, que considera ser viável erradicar o sentido da existência e não sermos reféns de nenhuma profecia

³⁵ LIPOVETSKY, 2005, p. 18.

³⁶ LIPOVETSKY, 2005, p. 19.

apocalíptica e niilista. Tudo isso, de certo modo, nos intimidaria, afirmando que estaríamos caminhando, inexoravelmente, para um fim trágico. Lipovetsky informa que,

qualquer sentido é melhor do que nenhum sentido”, dizia Nietzsche, e nem mesmo isto ainda é verdade hoje em dia, uma vez que a necessidade do sentido em si mesma foi varrida, a existência indiferente ao sentido pode desdobrar sem tragédia ou abismo.³⁷

É de bom alvitre salientar que o processo de indiferença tem sido alargado pela gama de informações que o indivíduo recebe diariamente. A velocidade com que as informações são produzidas e dadas, o frenesi da rotação informativa faz com que o indivíduo se esqueça, rapidamente, da notícia trágica que foi anunciada há poucos segundos, ficando, imediatamente, à espreita de novas informações sensacionalistas. A falta de uma emoção duradoura gera uma desafeição até por acontecimentos trágicos, e quanto mais o sistema atribui responsabilidade e informa, menor é o investimento nos interesses públicos.

Esse momento pós-moderno só vem para reiterar o processo de indiferença pura, no qual os polos podem se coabitarem sem se excluírem. O maior exemplo disso está no ressurgimento da família, que causa, no mínimo, uma contradição de termos, porque ao mesmo tempo em que se propaga o valor da família, cada vez mais casais querem viver sem filhos. Diante desse contexto, o que se observa é que o indivíduo pode ser, ao mesmo tempo, coisas que, naturalmente, seriam mutuamente exclusivas. Segundo Lipovetsky:

Assim pode-se ser simultaneamente cosmopolita e regionalista, racionalista no trabalho e discípulo intermitente de determinado guru oriental, pode-se viver o momento permissivo e respeitar, de acordo com as necessidades, as prescrições religiosas. O indivíduo pós-moderno está desestabilizado e é, de certa maneira “ubiquista”.³⁸

O mundo é um grande restaurante *self service*, onde o ser narcísico explora a escalada da personalização. Vale ratificar que não é lícito definir a indiferença pura como alienação, inconsciência,

³⁷ LIPOVETSKY, 2005, p. 21.

³⁸ LIPOVETSKY, 2005, p. 24.

depreciação e passividade. Ao contrário, ela é uma “nova consciência” e todas essas categorias marxistas são suplantadas pela ideia de que o processo de indiferença, que rege a vida do homem individualista, consiste num direito que ele tem de escolher, dentre as mais diversas possibilidades que se apresentam diante dos olhos consumidores, o que mais lhe dará prazer. A indiferença é auspiciada pelo campo vertiginoso de um *self service* generalizado. Conforme Lipovetsky:

O homem cool não é nem o decadente pessimista de Nietzsche, e nem o trabalhador oprimido de Marx, ele se parece com o telespectador tentando “assistir” uns após outros programas noturnos e como o consumidor enchendo o carrinho, ou, ainda, como pessoas em férias que hesita entre uns dias nas praias espanholas ou num acampamento na Córsega.³⁹

Quando todo o investimento existencial gira em torno de uma órbita pessoal, isso vai corroborando para o avanço de uma deserção social. O desinteresse pelas coisas públicas e comunitárias vai saqueando a consciência política e semeando a era do *homos psicologicus* que vive a buscar uma autoconsciência que só visa fortalecer o seu mundo individualista.

O ser indiferente é totalmente desapegado a tudo e não tem certezas absolutas. Ele facilmente se abre para novas leituras, suas opiniões tendem a se submeter voluntariamente às modificações rápidas, ou seja, tem razão, pois os burocratas do saber e do poder oferecem banquetes diários carregados de imaginação e informação. O sistema, no uso livre de suas atribuições, aparentemente, incentiva a participação, a educação e o interesse. Entretanto, torna-se um agente da indiferença, porque, por meio da saturação, informação e do isolamento, torna os indivíduos reféns do processo da indiferença pura.

Enquanto algumas correntes pregam a solidez do homem contemporâneo, o que se detecta, notoriamente, é um ser extremamente fragilizado, atravessando sozinho seu deserto e com a certeza de estar só em sua peregrinação existencial, sem nenhum apoio transcendental, ou seja, o homem se enxerga como alguém absolutamente vulnerável. Acerca disso, Lipovetsky afirma:

A generalização da depressão deve ser levada em conta não das vicissitudes psicológicas de cada

³⁹ LIPOVETSKY, 2005, p. 24.

uma ou das “dificuldades” da vida atual, mas sim, da deserção da res pulica que foi limpando o terreno até o advento do indivíduo puro, do Narciso em busca de si mesmo, obcecado por si mesmo, e, assim sendo, suscetível de enfraquecer ou de desmorronar a qualquer momento diante da adversidade que enfrenta desarmado, sem força exterior.⁴⁰

A complexidade da indiferença pura merece a nossa atenção. O indivíduo deseja estar só, ao mesmo tempo em que não suporta a si mesmo estando só. A esta altura, o deserto não tem mais princípio nem fim.

3 O individualismo pós-moderno e suas implicações para a experiência religiosa contemporânea

A pós modernidade propõe uma série de deslocamentos, rupturas, entre outros aspectos, quando o assunto se refere a questão religiosa. Quanto Lipovetsky expõe os desdobramentos atrelados à relação entre a religião e a pós-modernidade, Ele sistematiza seu argumento da seguinte forma:

Alguns, entre os quais Danièle Hevieu-Lègier, acreditam que existe um nexos entre a crise da modernidade e a persistência da Religião, esta entendida como rede de “comunidades emocionais”. Outros, como Vattimo, insistem sobre o caráter peculiar e inédito da relação que a pós-modernidade” estabelece com a Religião, esta entendida, como “pietas”; outros ainda, como Lyotard, não levam em consideração a relação.⁴¹

Como a modernidade provocou inúmeras expectativas e aspirações nos indivíduos, porém, não pode cumprir todas as suas promessas no que tange a satisfação plena de suas necessidades, logo, a experiência religiosa contemporânea, de forma mercadológica, surge novamente, como uma grande possibilidade para trazer quietude para a ego insatisfeito do indivíduo pós-moderno. A

⁴⁰ LIPOVETSKY, 2005, p. 29.

⁴¹ MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 435.

experiência religiosa cresceu a partir da crise que é retroalimentada pelas aspirações e desejos ilimitados. Como bem disse Martelli:

Em outras palavras, a impossibilidade da modernidade de construir o horizonte completo das aspirações humanas e sociais repropõe a transcendência como horizonte último de sentido, leva os significados e os símbolos da Religião institucional a serem reconsiderados pela sempre renovada interpretação dos indivíduos.⁴²

Ou seja, a experiência religiosa, a partir do entendimento de Martelli e Lipovetsky é concebida a partir de uma espiritualidade atrelada estritamente aos constantes anseios subjetivos, ao estímulo das sensações de conforto e ao bem-estar no presente.⁴³ A experiência religiosa pode tanto construir mundos, como pode corroborar para a manutenção do mundo. A espiritualidade contemporânea não tem ido contra a ordem do individualismo pós-moderno, ao contrário, a experiência religiosa contemporânea, tem servido, “[...] assim, para manter a realidade do mundo socialmente construído e legitimado pela religião”.⁴⁴

Quando Brandão analisou a relação entre a experiência religiosa e a pós-modernidade, afirmou que:

A segunda corrente dos autores que defendem a religião na pós-modernidade, como é o caso de Vattimo, afirma que não é de forma acidental que estamos vivenciando, na pós-modernidade, um retorno ao sagrado, mas sim um aspecto essencial da experiência religiosa. Vale ressaltar que, mesmo defendendo a religião, ele teme que esta ressurgja a partir de um Deus não histórico e onipotente, apenas uma projeção dos temores humanos, uma religião reativa.⁴⁵

⁴² MARTELLI, 1995, p. 435.

⁴³ COSTA, Renato de Lima. *Fora do indivíduo há salvação?: a ética do pós-dever e a religião em Gilles Lipovetsky*. Curitiba: Editora Prismas, 2015, p. 192.

⁴⁴ BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Coleção Sociologia e Religião, 1985, p. 67.

⁴⁵ BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na modernidade. *Ciencias da Religião: história e sociedade*. São Paulo, v.14, n. 1, p. 56-72, jan/jun, 2016, p. 63.

A preocupação de Vattimo só sinaliza o quanto a própria experiência religiosa está sendo forjada pela dinâmica social do individualismo imposto pela pós-modernidade. A religião está na mira da pós-modernidade, ou ela se torna uma ferramenta que questiona a realidade imposta, ou ela reproduz a ideologia proposta.

3.1 Uma espiritualidade contemporânea em tempos de pós-moralismo

Ao invés de fazer o bem, prefere-se o bem-estar de si. Isso define, muito bem, em que consiste a felicidade proposta pelo individualismo. Segundo Bettie *apud* Bauman (2008), a civilização consumidora do bem-estar corroborou, majoritariamente, para a falência da gloriosa ideologia do dever. A maneira mais garantida de enlouquecer é envolver-se com os assuntos de outras pessoas e a maneira mais rápida de tornar-se são e feliz é cuidar dos próprios.

O processo de disseminação do consumo de massa contribuiu, incisivamente, para a alteração do estatuto moral, rechaçando os imperativos coativos, estabelecendo o império de uma felicidade que suplanta a ordem moral e que declara, veementemente, a priorização dos prazeres e da fascinação em detrimento das proibições e do dever. Segundo Lipovetsky, um sistema de justificação moral foi substituído por uma legitimação de tipo estético, pois valoriza as sensações, as fruções do presente, o corpo de prazer, a leveza da vida consumista.

Nos dias atuais, vive-se em busca da felicidade pessoal e da realização dos prazeres. Dessa forma, quanto mais se desenvolve o capitalismo das necessidades, abruptamente, acontece a absoluta erradicação da militância pelos ideais. Lipovetsky afirma:

Edificou-se uma nova civilização, não mais voltada para refrear o desejo, mas, ao contrário, para levá-lo à exacerbação extrema, despojando-o de qualquer conotação negativa. A frução do momento presente, o culto de si próprio, a exaltação do corpo e do conforto passaram a ser a nova Jerusalém dos tempos pós-moralistas.⁴⁶

Ao estimular permanentemente os critérios de bem-estar individual, o ritual do dever tornou-se algo impróprio para uma cultura hedonista e materialista. “É só querer para ser feliz”. O individualismo tem como religião o consumo, com isso a felicidade pessoal é cultuada diariamente, favorecendo a legitimidade dos

⁴⁶ LIPOVETSKY, 2005, p. 29.

prazeres e fortalecendo a autonomia individual. O individualismo pós-moderno, nos tornamos alérgicos às prescrições que exigem sacrifícios, ao espírito normativo das fórmulas morais doutrinárias.

Devemos destacar que não apenas a sociedade de consumo sepultou a religião das obrigações, mas também diversos outros fatores (intelectuais, filosóficos, socioculturais). O espírito libertário ocupou o espaço da retórica do dever, proporcionou a militância pela livre manifestação pessoal e emancipação sexual, as quais se tomaram a dianteira da virtude. Além disso, o universo psicológico preencheu o espaço reservado para imperativos morais. Na luta contra todo tipo de cerceamento da liberdade, todo possível rigor moral foi enterrado por causa dos anseios de realização individual.

Por mais que se tenha, hoje em dia, efervescência ética, o dever moral é o elemento mais depreciado na sociedade pós-moralista. Surge uma pergunta: o que fazer para inculcar valores morais na mente de um ser humano que tem como objetivo principal na vida a realização psicológica e o máximo de gozo do bem-estar? Na sociedade individualista, a conquista da felicidade está acima de tudo, ou seja, pouco importa a renovação ética, pois a realização pessoal e a construção da felicidade egoística são as palavras de comando do sistema narcisista.

A sacrossanta abnegação foi substituída pela vida sem compromissos com o outro. As necessidades pessoais e imediatas se sobrepõem à virtude, o desejo de possuir bens materiais suplanta os deveres comunitários, o bem-estar é mais importante que praticar o bem. Sendo assim, no lugar de uma agenda que prioriza o cumprimento dos deveres em relação a si e ao próximo, o mundo atual estimula o conforto sem medida. Lipovetsky considera que “a sedução tomou o lugar o dever, o bem-estar tornou-se Deus, a publicidade é seu profeta”.⁴⁷

A era do pós-dever avança com o seguinte lema: todo ser humano tem o direito a não se interessar pelos demais. Face aos milhões de problemas que o mundo enfrenta, nos faz compreender a frase: “à vista de certas misérias, há quase uma vergonha em ser feliz”.⁴⁸ Já a publicidade hodierna assevera, em letras garrafais, “Fora o Dever”. Bauman ainda acrescenta: O auto engrandecimento está tomando o lugar do aperfeiçoamento socialmente patrocinado e a

⁴⁷ LIOVESTKY, 2005, p. 31.

⁴⁸ LIPOVESTKY, 2005, p. 32.

autoafirmação ocupa o lugar da responsabilidade coletiva pela exclusão de classe”.⁴⁹

O lema “fora dever” destrói radicalmente a cultura autoritária, mas, por outro lado, dá abertura para novas imposições, (eterna juventude, saúde modelar, peso ideal, forma perfeita, lazes harmoniosos, sexo sem culpa). Enquanto a cultura da felicidade exime de culpa a introspecção subjetiva, simultaneamente, desencadeia-se uma dinâmica geradora de ansiedade. Considera-se, portanto, que quanto mais se quer atender as expectativas e os padrões exigidos pelas normas e novas imposições do estilo individualista, mais ansioso o ser humano fica.

Essa ansiedade crônica provocada pelo individualismo exacerbado faz desaparecer o sentido de responsabilidade moral. Constata-se que, em pleno auge das sociedades democráticas, as sombrias profecias de Freud e de Nietzsche não se efetivaram, pois, o senso do dever não tende a se acentuar. Lipovetsky afirma:

À medida que normas de felicidade se intensificam, a consciência de remorso se torna mais aleatória, a imagem do *zappeur*, que traduzido do francês, “o homem que maneja os canais por onde os barcos passam” substitui a do pecador.⁵⁰

O homem, na atualidade, sofre de depressão e não de crise de consciência moral. A emoção fabricada pelo contato com crianças com barriga d`água, logo é substituída por um filme de humor à noite. Essa é a característica de uma sociedade em que impera a fluidez da insensibilidade.

3.2 O individualismo pós-moderno: construtor de uma espiritualidade contemporânea privatizada.

Para definir religião na pós-modernidade é preciso perguntas: O mundo que habitamos é mais religioso do que costumava ser? Ou menos? Testemunhamos um declínio, uma redistribuição ou renascimento da religiosidade? ⁵¹ Quando se pensa em privatização da religião, devemos nos apropriar das análises da sociologia da religião. O estudo da sociologia da religião tem sinalizado para o fato de que a experiência religiosa contemporânea, “é um produto reflexo do que

⁴⁹ BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Tradução de Mauro Gama, Claudia Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 54.

⁵⁰ LIPOV ESTKY, 2005, p. 33.

⁵¹ BAUMAN, Zygmunt, 1998, p. 206.

está gestando com a sociedade globalizada e momento cultural da pós-modernidade”.⁵² Conforme Silva:

[...] assim, no mundo globalizado, a religião passa a ser um produto sem fronteira, sem território, adaptado igualmente às forças mercantis da oferta e da procura. Mais do que isso. Ela também se eleva como reserva de símbolos e significados, produzidos ou buscados livremente pelos indivíduos. Aí está a marca ou o logotipo da nova religiosidade. O individualismo não é apenas a tendência do momento, mas o processo de intuição e de criação, dentro do qual as expressões religiosas são produzidas como incontrolável avanço de modismos místicos, de experiências de fé personalizada. No contexto em que se centralizam a força e o papel determinante da individualização, o que vale como referencial de afirmação é a experiência direta e subjetiva. A adesão religiosa se converte em questão de opção privada, cujo traço distintivo representa a forma mais versátil de subjetivismo.⁵³

Não há como negar, o individualismo pós-moderno promove o crescimento da religião privatizada. A tirania da subjetividade pós-moderna desenvolve a experiência privatizante do sagrado. Ou seja, temos uma experiência religiosa privatizada, por isso é forte a tendência de uma espiritualidade não institucionalizada, não burocrática, que permite que o indivíduo seja livre e construa sua autonomia social e religiosa. A espiritualidade no lugar de se diluir ou se esgotar na pós-modernidade, ressurgiu a partir de novas formas e contornos, uma espiritualidade mais leve e informal.

O pesquisador Milgram, analisa a presença do indivíduo urbano, constatando que o contato do indivíduo com um grande número de pessoas proporciona a ele uma sobrecarga, exigindo do indivíduo adaptações e abertura para a construção de uma experiência religiosa contemporânea com menos cobranças. Milgram em sua análise esboça de forma objetiva os elementos que configuram a tendência da espiritualidade contemporânea. Milgram elenca seis adaptações que o indivíduo faz para poder sobreviver diante das demandas (inputs)

⁵² SILVA, Marcio Bolda da. Ética religiosa e pós-modernidade. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano25, n. 3, p. 163-174, 2010. p.168.

⁵³ SILVA, 2010, p. 168.

contemporâneas e que influenciam na maneira de conceber a sua espiritualidade.

O indivíduo dispensa menos tempo para cada input que recebe. Se ele precisa se relacionar com muitas pessoas, então dispensará menos tempo para elas. [...] O indivíduo dispensa menos atenção a inputs de baixa prioridade. Ocorre a seleção de interesses [...], o urbano ignora o bêbado doente na rua enquanto navega com determinação pela multidão. Bloqueia-se a recepção antes da entrada no sistema. O indivíduo urbano é ocupado. Ele não tem tempo suficiente para tantas demandas [...]. A intensidade de inputs é diminuída pelos instrumentos de filtragem, de modo a permitir somente formas fracas e relativamente superficiais de envolvimento com outras pessoas. Por isso somos cercados de caixas-postais, secretárias que perguntam “quem deseja falar”, e-mails com respostas automáticas. A privatização da religião tenta preservar ao máximo as fronteiras pessoais, a privacidade emocional, residencial, sentimental e todos os aspectos que compõem o cotidiano do indivíduo, de modo que ele permite que cheguem apenas os inputs a ele interessantes. Instituições especializadas são criadas para absorver inputs que, de outro modo, atolariam o indivíduo. O indivíduo participa de uma comunidade de fé e é capaz de “terceirizar” os serviços de fé. Paga-se uma pessoa responsável pela ação social, outra pela evangelização, outra pela liturgia a fim de que o ‘cliente religioso’ não seja incomodado ou sobrecarregado [...].⁵⁴

O fenômeno da privatização da religião põe em dúvida a tese de Durkheim sobre a religião ser essencialmente social, dado o fato que a privatização da religião concede poderes grandiosos ao indivíduo, a tal ponto que a sociedade e seus interesses são relegadas à periferia da agenda existencial.

3.3 Individualismo pós-moderno, fabricante de consumidores de religião.

⁵⁴ FEITOSA, Darlyson. A autoridade do texto bíblico e a privatização da religião. *Fragmentos da Cultura*, Goânia, v. 19, n. 1/2, p. 147-159, jan/fev, 2009, p.152-153.

Assim como os outros teóricos, Lipovetsky “trabalha com a hipótese de uma espiritualidade de consumo para caracterizar as motivações que justificam as constantes empreitadas ao consumo que os indivíduos se engajam [...].⁵⁵ Bauman, na mesma linha, entende o consumo como uma vocação do indivíduo pós-moderno. Conforme bem diz Bauman:

Numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, dever ser e tem de ser um consumidor por vocação (ou seja, ver e tratar o consumo como vocação). Nessa sociedade, o consumo visto e tratado como vocação é ao mesmo tempo um direito e um dever humano universal que não conhece exceção.⁵⁶

Lipovetsky entende que depois que o “crer” também foi individualizado e submetido à tirania da subjetividade pós-moderna, como consequência, a religião tornou-se, mas um produto de consumo. Lipovetsky afirma que cada vez mais, é a busca da realização psicológica do sujeito que se encontra no centro tanto das experiências dos crentes propriamente ditos quanto nas novas regiões sem Deus.⁵⁷

A Experiência religiosa tem sido formatada pela lógica do consumo hipermoderno, a dimensão religiosa assimilou a dinâmica consumista. Lipovetsky acrescenta que

[...] o espírito de fé não pode ser confundido com o espírito pragmático do consumismo. Mas não é o menos verdade que a reafirmação contemporânea do religioso que acha marcada pelos próprios traços que define o turboconsumidor experiencial: participação temporária, incorporação comunitária livre, comportamento *à lá carte*, primado do maior bem-estar subjetivo, o *Homo religiosus* aparece mais como a continuação do *Homo consumericus* por outros meios que como sua negação.⁵⁸

⁵⁵ COSTA, 2015, p. 192.

⁵⁶ BAUMAN, 2008, p. 73.

⁵⁷ LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 133.

⁵⁸ LIPOVESTGKY, 2007, p. 198.

Ou seja, a religião não se apresenta entre o consumo e o indivíduo, mas usa a mesma lógica para alcançar seus objetivos. Portanto, quando se trata de questões práticas, as questões abordadas por Lipovetsky são percebidas, nos diversos gurus que estão no mercado, nas diversas consultas espirituais que são oferecidas e na construção maciça de centros de desenvolvimento pessoal e espiritual que são oferecidos aos consumidores de religião. Espiritualidade é produto que se compra e que se vende. O que antes era o principal foco da religião, a saber a salvação no outro mundo, agora, o que impulsiona o religioso é a sua felicidade intramundana. Para sintetizar o que já foi exposto, Silva afirma que

A verdade é que o cenário religioso se afunda, inundado no turbilhão da oferta abundante de produtos espirituais insólitos. Sua variedade atende a todos os gostos, se estende a todos os interesses, se direciona a todas as atribuições existenciais... A regra imprescindível para estimular o bom êxito da comercialização enuncia que toda oferta seja exibida com o intuito de atrair, de ganhar o interessado ou o cliente pelo seu ponto fraco. Com estratégia semelhante trabalha o novo “marketing” da fé. Quem sabe, até com muito mais esperteza do que o mecanismo dominante no mundo econômico.⁵⁹

Enfim, a espiritualidade contemporânea tem enxergado a religião, como uma caixa de pandora que oferece o acesso tranquilo à vida totalmente liberta, à expectativa de “parar de sofrer”, à prosperidade fácil, à tranquilidade interior [...]. O novo discurso religioso sobrevive, se submetendo à lógica do mercado consumidor, por isso investi na “emoção, propondo retirar todos os males de forma mágica.

Conclusão

Face a tudo que foi supracitado, depreendemos que cada geração constrói a sua própria identidade e essa construção está relacionada a algum tipo de figura mitológica. Esse tipo de figura carrega, em si, conteúdos que refletem o profundo desejo de ser realizado pelos indivíduos. Hoje em dia, Narciso é o arquétipo

⁵⁹ SILVA, 2010, p. 169.

mitológico que nos define como sociedade. O individualismo narcísico é predominante a partir da segunda metade do século XX, até nossos dias. O que se observa, é que estamos constituindo, cada vez mais, uma sociedade neonarcisista. Embora esteja imperceptível e confusa aos olhos de alguns, inevitavelmente, estamos sendo imersos nessa nova condição de sobrevivência. Portanto, como um movimento emergente, aflora-se notoriamente um novo estágio do individualismo, que consiste numa mudança abrupta das relações do ser humano consigo mesmo, com o corpo, com o mundo e com o tempo e com a religião em que o capitalismo agressivo é expoente dos elementos hedonista e permissivo.

Paralelamente, o discurso religioso sobre alteração, porque ele faz parte da dinâmica social globalizante. Não haveria a possibilidade da religião não ser afetada, porém, se impor diante da religião, seu papel de ir contra ordem social vigente, ou ser um elemento social reprodutor da cultura individualista pós-moderna.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. *Em busca da política*. Rio de Janeiro. Zahar, 2000.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. *Vida para o consumo: a transformação de pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Coleção Sociologia e Religião, 1985, p. 67.
- BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na modernidade. *Ciencias da Religião: história e sociedade*. São Paulo, v.14, n. 1, p. 56-72, jan/jun, 2016.
- BRITO, Wallace da Costa. Os conceitos da pós-modernidade e hipermodernidade em Gilles Lipovetsky. *Perspectiva em Psicologia*, Rio de Janeiro, v.19, n. 2, p. 155-182, jul/dez, 2015, p. 159.
- COSTA, Renato de Lima. *Fora do indivíduo há salvação?: a ética do pós-dever e a religião em Gilles Lipovetsky*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FEITOSA, Darlyson. A autoridade do texto bíblico e a privatização da religião. *Fragmentos da Cultura*, Goânia, v. 19, n. 1/2, p. 147-159, jan/fev, 2009.

FORMIGA, Ronaldo da Costa. A cultura do indivíduo: Uma visão da modernidade. *Democratizar*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 1, ago/dez, 2015, p. 66.

JUNIOR, Alcides de Souza Coelho; MENDES, Luiz Roberto Souza. *Revista Humus*, São Luiz, v. 5, n. 14, 2005, p. 96.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. (trad. Valério Rohden). São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida Americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LEITE, Normando Martins. *O individualismo na pós-modernidade*. Curitiba, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

_____. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005, p. XVI.

_____. *A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri, SP: Manole, 2005.

_____. & ROUX, Elyette. *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. *A sociedade da decepção: entrevista coordenada por Bertrand Richard*. Barueri, SP: Manole, 2007.

_____. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, Coleção Companhia de bolso, 2009.

_____. *A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LUCENA, P. F. C. Processo de personalização ambivalente: ensaio sobre o ser pós-moderno em Lipovetsky, mediante a ambivalência em Bauman. *Revista Saber Acadêmico*, São Paulo, n. 24, 2017. p. 96.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SILVA, Marcio Bolda da. Ética religiosa e pós-modernidade. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 25, n. 3, p. 163-174, 2010.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Individualismo, liberdade e insegurança da pós-modernidade. *Ecos*, Cuiabá, v. 2, n. 2, Cuiabá, 2012, p. 352.